



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, pátria dilecta das almas crentes, doce encanto do mundo cristão



As cerimónias oficiais

O tempo agreste e chuvoso impediu que o concurso de peregrinos à Cova da Iria no dia treze de Janeiro fôsse tão avultado como em igual dia dos dois meses anteriores. Os actos religiosos comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos realizaram-se por esse motivo, não na capela das missas, ao fundo do pavilhão dos doentes, como é costume, mas na igreja da Penitenciaría, recentemente edificada por trás do mesmo pavilhão.

Os fiéis enchiam completamente o vasto e lindo templo, sendo a multidão tão numerosa e tão densa que ninguém podia ajoelhar-se, nem mesmo durante a santa Missa e durante a distribuição da Sagrada Comunhão. A concorrência de pessoas das povoações circumvizinhas, que tem a devoção de ir assistir todos os meses à missa dos doentes, intensificou-se à medida que se ia aproximando a hora do meio-dia solar.

Um quarto de hora antes, subiu ao altar-mor o celebrante, depois de toda a assistência ter rezado em voz alta o símbolo dos Apóstolos. Acolitaram dois chefes de servitas. Os fiéis acompanhavam com visível devoção as diferentes partes da missa, cuja significação era explicada pelo rev. do dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director das associações de servos e servas de Nossa Senhora do Rosário. Em seguida à elevação do calix, cantou-se um cântico piedoso em honra do Santíssimo Sacramento.

Depois de ter tomado o precioso sangue, o celebrante administrou o Pão dos Anjos a grande número de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades e condições, devidamente preparadas para esse acto pela confissão sacramental. No fim da missa deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos enfermos, cujo número era muito reduzido, e, depois de cantado o *Tantum ergo* com a respectiva oração litúrgica, a bênção geral a todo o povo.

Concluídos os actos religiosos, o rev. do José do Espírito Santo, zeloso pároco do Reguengo do Fetal, revestido de sobrepele e estola, falou durante cerca de meia hora sobre a Santíssima Virgem, estrela mística figurada pela estrela misteriosa que apareceu no Oriente aos Reis Magos e os guiou até junto do presépio de Deus-Menino recém-nascido.

Por causa do mau tempo não se efectuaram as procissões do costume. Os peregrinos retiraram cedo para as suas terras.

Antes do cair da noite, já não se via

um só naquela estância bem dita, pátria dilecta das almas crentes, doce encanto do mundo cristão.

Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima

Do diário católico de Lisboa «Novidades», número do dia vinte e três de Dezembro findo, transcreve-se com a devida vénia o local seguinte subordinada à mesma epigrafe:

«Por deliberação do Conselho Superior

A comissão conta muito brevemente, depois de receber a devida autorização de S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria, publicar o programa e condições da referida peregrinação e desde já pede aos presidentes das Conferências de todo o País que façam a maior propaganda junto dos seus confrades e os incitem a tomarem as suas disposições, para se incorporarem no maior número.

A peregrinação partirá no dia três de Maio que é um feriado, e regressará no Domingo, quatro, e nela poderão incorporar-se os Vicentinos e suas famílias e

porte dos do Sul tratado pela comissão central de Lisboa.

Esta comissão é constituída pelos srs. Francisco Serzedêlo Amorim, Adriano Soares Leite, Mário Neuparth e Alvaro Mendes Simões, podendo qualquer correspondência sobre o assunto ser dirigida para casa do primeiro daqueles senhores, aqui em Lisboa na Rua da Sociedade Farmaceutica, 37, 2.º, esq., ou para o presidente do Conselho Particular de Lisboa, sr. José Augusto Pais Ferreira, na Rua de Renato Baptista, 83, 2.º»

Fátima em França

Sob pena de se cometer uma inconfidência e quasi um abuso de confiança, não se pode deixar de ceder à tentação de reproduzir nas colunas do humilde pregoeiro das glórias da Virgem do Rosário de Fátima a linda carta do rev. do Fr. Luís Maria Baron, ilustre director da *Revue du Rosaire*, que se publica mensalmente em Saint Maximin (Var), dirigida ao venerando Prelado de Leiria.

Esta carta é mais um testemunho a juntar a tantos outros do entusiasmo com que a devoção a Nossa Senhora de Fátima é acolhida por toda a parte e do incremento admirável e sobremaneira consolador que ela vai tendo até nos meios aparentemente mais refractários.

Segue a carta:

«Recebi ha poucos instantes a carta de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}.

Sinto-me tentado a exclamar como Santa Isabel: *Et unde hoc nobis, ut veniat Antistes Dominae nostrae ad nos?*

Da melhor vontade, envio a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}, ainda hoje, cem opúsculos.

Este modesto trabalho, se foi para nós ericado de dificuldades, também não deixou de ser sempre acompanhado de muito amor. Cada linha desse folheto foi um acto de amor para com Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

V. Ex.^{cia} não pode fazer ideia do entusiasmo produzido em França pelas aparições da Santíssima Virgem em Fátima e a nossa *Revista do Rosário* teve a honra de ser, posto que modestamente, a reveladora destes acontecimentos. Fátima paira em todos os lábios e basta falar dela uma vez áqueles que a desconhecem para despertar nas almas transportes de fé e de amor para com a Rainha do Céu. Por isso V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} proporcionaria aos nossos trinta mil leitores uma alegria imensa, dignando-se honrar a *Revista do Rosário* com uma carta de incitamento e com a sua bênção. Uma car-



O Sr. António Arts, importante industrial e fervorosissimo católico de Anvers, com sua família na praia de Blaukeberghe. Este senhor ofereceu 1.000 frs. para a propaganda do Culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Bélgica

das Conferências de S. Vicente de Paulo, foi constituída em Lisboa uma comissão central, delegada do mesmo conselho, para tratar da organização da Peregrinação Nacional Vicentina à Fátima no próximo ano.

Essa comissão, que iniciou os seus trabalhos dirigindo-se a todos os venerandos Prelados, pedindo-lhes o seu patrocínio e apoio para que aquela peregrinação resulte numa grandiosa parada das forças Vicentinas, já recebeu de alguns consoladoras palavras de paternal incitamento.

os sócios subscritores das várias conferências. A peregrinação não levará doentes.

Sabemos que a comissão se vai dirigir a todos os Conselhos Centrais e Particulares do Continente para que façam dentro das suas áreas a maior propaganda e tomem as medidas que julguem necessárias para o bom êxito da Peregrinação.

Mais nos consta que se formarão no Porto, Coimbra e Tórres Novas comissões para tratar do transporte dos peregrinos vindes do Norte e Centro, sendo o trans-

ta com o aplauso e a bênção do Bispo de Fátima, que penhor de protecção celeste e de feliz êxito para a nossa Revista! Ouso esperar da extrema bondade de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} esta graça, que peço em nome de Nossa Senhora de Fátima; será uma ampla compensação dos cem exemplares que lhe remeto.

Cometerei por ventura um abuso pedindo também uma fotografia de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} para ilustrar essa carta? Seria o cúmulo da felicidade!

O opúsculo de que o rev.do Frei Luís Maria Baron fala na sua carta é aquele folheto de quarenta páginas ilustrado a que se fez referência no último número da «Voz da Fátima» e que tem por título «Notre-Dame du Rosaire de Fátima.»

Fátima na Itália

Duma carta do aluno do Colégio Português em Roma, rev.do João Pereira Venâncio, da diocese de Leiria, para o seu illustre Prelado. transcreve-se o seguinte interessantíssimo trecho.

«Agradeço muito reconhecido o n.º único da *Revue du Rosaire* e o jornal de Macau que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} quiz ter a bondade de me mandar. Aos restantes dei o destino que Ex.^{cia} Rev.^{ma} se dignou indicar. O jornal de Macau, que tão bem mostra quanto amor e devoção Nossa Senhora de Fátima sabe grangear em toda a parte, foi lido no nosso refeitório. Os números da *Revue* enviados dos leirienses já andam a circular. Esse trabalho está muito bem feito e em francês que toda a gente percebe.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima já se encontra no Colégio. Chegou a Roma no dia treze do mês passado e ao Colégio na véspera da Apresentação de Nossa Senhora. É uma beleza! Todos quantos a viram não se cansaram de a admirar. É tão delicada, tão perfeita e tão cheia de vida que parece estar a falar com quem a contempla!

O Senhor Thedim disse que queria fazer obra tão perfeita, quanto o podiam fazer mãos humanas, ajudadas pela graça. Parece que assim foi.

Até o Santo Padre, quando a benzeu, o que se dignou fazer no dia seis deste mês, se deteve a admirá-la. Como ninguém do Colégio pôde assistir, bem a nosso pesar, ainda não sabemos o que é que o Santo Padre terá dito; mas logo que Mons. Reitor tenha ensejo de falar com os Monsenhores que acompanhavam Sua Santidade, já o poderemos ficar a saber. Os empregados do Vaticano não se fartavam de a admirar e de elogiar o artista, sobretudo quando lhes observámos que era tãdo de madeira, o que, à primeira vista, ninguém suspeitava, tão finamente ela é trabalhada. O manto, sobretudo, tão naturalmente caído e tão fino que quasi não excede a expressão dum manto natural; as mãos tão delicadas e de dedos tão bem torneados e distintos e o rosto que é todo celeste.

Não sofreu nada na viagem de Portugal para cá, nem nas que fez aqui, pois foi tratada com todo o carinho que merecia. A inauguração foi no dia oito, com Missa solene a que assistiu o Sr. Dr. Trindade Coelho e sua Ex.^{ma} Esposa, que fez e ofereceu a toalha do Altar. Nós comprámos os castiçais, em número de dez, e flores, tudo por umas setecentas liras, que temos vindo juntando desde que resolvemos arranjar a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para o Colégio.

De tarde fizemos uma Academia, a que assistiu o Sr. Ministro e sua Ex.^{ma} Esposa e quasi toda a colónia portuguesa. Saíu-nos a festa mais cara do que ao principio pensávamos e até, por isso, o Presidente da Congregação Mariana me disse que tinha escrito a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} a pedir uma esmola. Agora esperamos que Nossa Senhora nos continue a ajudar como até aqui e ainda mais.»

Fátima na Holanda

Duma carta do director da revista *De illustratie*, que se publica em Helmond, Holanda, para o administrador da *Voz da Fátima*, transcrevem-se os seguintes períodos, assaz interessantes:

«Seria para nós um grande prazer podermos informar os assinantes e leitores da nossa revista semanal católica acerca dos assombrosos acontecimentos de Fátima, de que os católicos da Holanda ainda não sabem quasi nada.

Todavia sentimos imenso não possuímos nenhuma informação autêntica relativa às aparições da Santíssima Virgem à Lú-

cia de Jesus e às suas irmãs (sic) em 1917 e nos anos anteriores (sic). Sem dúvida há de haver relatos, artigos ou descrições dessas aparições. Soubemos há pouco que o professor alemão Dr. Fisher vai publicar um livro, mas seria preciso esperar muito tempo. Ficariamos em extremo penhorados para com V. Rev.^{cia} se se dignasse comunicar-nos onde nos seria possível encontrar os factos relativos às aparições da Santíssima Virgem em Fátima.

Não precisamos de muita cousa ou dum relato muito minucioso; um artigo de jornal, uma boa descrição, eis tudo o que desejamos para pormos os católicos da Holanda ao corrente dos grandiosos sucessos de Fátima. Em geral, a Holanda não sabe quasi nada a esse respeito.

A questão da língua é difficil; quanto a nós, compreendemos bem o francês, o inglês e o alemão, mas lastimamos não entender o português. Além disso, como a nossa revista é ilustrada, queríamos adquirir cerca duma dúzia de boas fotografias de Fátima, da capela, da santa Imagem, das procissões, etc.

A glória da Santíssima Virgem de Fátima deve ser admirada e aclamada também pelos católicos da Holanda. Temos a certeza de que V. Rev.^{cia} se dignará prestar-nos o seu valioso auxilio e desde já agradecemos as informações que tiver a amabilidade de nos enviar.»

Fátima na Bélgica

Do grande apóstolo do culto de Nossa Senhora de Fátima na Bélgica, rev.º Gaspar Pizarro de Portocarreiro, S. J., reproduzem-se a seguir duas cartas dirigidas ao venerando Prelado de Leiria.

Primeira carta:

«Penhoradíssimo venho agradecer a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} a bela fotografia que, por meio do Sr. P. Magalhães, V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} teve a fina delicadeza de me oferecer.

Juntamente agradeço a bênção, que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} se dignou mandar para os meus trabalhos de propaganda de devoção à Virgem Nossa Senhora de Fátima, e aproveito a ocasião para expor sumariamente o plano desta propaganda.

Em primeiro lugar escrevi em francês um artigo, onde resumo a história das aparições e me refiro à prudente reserva por V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} imposta ao clero, durante os primeiros anos. A seguir expôno a aprovação do culto na Cova da Iria, a organização das peregrinações nacionais e particulares e o grande impulso que tudo isso deu ao espirito de fé e à prática da religião.

Menciono por fim as obras em construção e projectadas.

Este artigo está a ser traduzido em inglês, húngaro, polaco, flamengo, espanhol; talvez o seja também em alemão e italiano. A publicação dos artigos será acompanhada de ilustrações, escolhidas dentre as que já tenho relativas às aparições.

Lá para o Natal, se conseguir número suficiente de fotografias, darei pelos colégios conferências com projecções luminosas, sistema apreciado e muito em voga na Bélgica.»

Segunda carta:

«Foi uma surpresa gratíssima e uma grande consolação para mim a recepção da carta, que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} bondosamente se dignou escrever-me.

Dou a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} os parabens pelo incremento que a devoção à Virgem Senhora de Fátima vai tomando. O meu desejo é poder contribuir o mais possível para que tal incremento se estenda igualmente à Bélgica. As circunstâncias não me permitem grande coisa; mas o pouquinho, que fizer, valerá por muito, se lhe não faltar a bênção da Virgem Santíssima. Os belgas estão em geral de pé atrás em acontecimentos como os de Fátima, e isto devido à notícia de várias aparições que, após a grande guerra, se disse ter havido e que afinal se encontrou serem simples especulação.

Por este motivo exigem factos positivos e muita documentação, e em especial a documentação fotográfica. Efectivamente esta representa a realidade, e apoia, com a sua linguagem muda mas sensível, a exposição oral dos factos.

Neste ponto já tenho um bom número de postais fotográficos sobre o movimento religioso na Cova da Iria. Tenho pena, porém, de não ter obtido nenhuma fotografia nem da povoação de Fátima, nem da igreja paroquial, nem dos arredores da Cova da Iria. Ora fotografias destas é que seriam grandemente apreciadas a par da dos videntes e da Imagem da Senhora

do Rosário. Deus queira que para o ano já se encontre alguma coisa no género.

Agradeço muitíssimo os seis números da *Revue du Rosaire*. Tem sido muito apreciada a narração dos acontecimentos de Fátima neles descrita. No entanto eu tomou a liberdade de expor a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} a impressão que me deixou a leitura desta revista, bem como a dos livros sobre o mesmo assunto: *Fátima* de Leopoldo Nunes e *As grandes maravilhas de Fátima*, pelo Visconde de Montelo.

Tenho constatado que não há conformidade de dados e pormenores, que poderia chamar históricos e fundamentais, entre estas diversas narrações das aparições de Fátima. Assim, por exemplo, não compreendo como o Sr. Visconde de Montelo diz, a pág. onze do seu livro, que a aparição parecia não ter mais de dezoito anos, sendo que a pág. noventa afirma ter dito a Lúcia que a Visão parecia ter uns quinze anos. (1) A pág. doze fala dum rosário com uma cruz de ouro; depois na pág. setenta e quatro a cruz é branca, no dizer da Lúcia. (2) E há assim outras divergências que, sobretudo dentro de alguns anos, serão um embaraço para quem quer que deseje fazer uma história de Fátima. Digo isto na esperança de que talvez V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} possa obviar o tal inconveniente mandando proceder a uma redacção bem precisa quanto a datas, pormenores relativos à Senhora aparecida, aos videntes, etc., etc.

Creio bem que no meu artigo em francês haverá uma ou outra coisa menos exacta; no entanto procurei escrever o que me pareceu mais conforme às declarações dos videntes e, em geral, aos dados fornecidos pela *Voz da Fátima*.

Resta-me agradecer a colecção da *Voz da Fátima* que me elucidou sobre alguns pontos e que brevemente remeterei a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}.

Peço perdão do tempo que tirei a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} e do meu atrevimento em expôr a minha desautorizada opinião; faço-o, porém, para maior glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.»

Visconde de Montelo

(1) A pág. onze afirma que a aparição parece não ter mais de dezoito anos, porque uma vez a mãe da Lúcia, na presença da filha e d'outras pessoas, me disse, ao perguntar a idade aparente da Visão, que esta parecia ser como uma rapariga do lugar de Aljustrel, que estava presente e que tinha já completado dezasete anos.

(2) A pág. noventa declarou ter dito a Lúcia que a Visão parecia ter uns quinze anos, porque realmente o disse, embora ela fôsse uma pequena rude, apenas com dez anos de idade, e incapaz de calcular bem a idade duma pessoa. De resto a diferença entre as expressões uns quinze anos e parecia não ter mais de dezoito anos não é grande e esta última expressão não só não contradiz nem exclue a primeira, senão que até a completa e permite uma maior aproximação da verdade.

(2) As palavras da pág. doze são uma transcrição do folheto *Os episódios maravilhosos de Fátima*, publicados em 1921. Foram escritas há cerca de dez anos, decerto em face de apontamentos que agora não me é fácil encontrar entre os meus papeis. Mas, se me reportasse a declarações das crianças que conservasse de memória, actualmente é-me de todo impossível precisar qual delas me assegurou que a cruz do rosário era ou parecia de ouro. Teria sido o Francisco? Teria sido a Jacinta. Não sei. Convém no entanto pesar que a Lúcia, assim como os primos, às vezes diziam ser brancas certas partes do corpo ou certas peças do traje da Visão por causa da luz clara e vivíssima que a envolvia e quasi lhes ofuscava os olhos.

A pág. 77, a Lúcia diz: «E' que ela às vezes cega».

A pág. 94, diz o Francisco: «Posso olhar para a cara dela, mas pouco, por causa da luz».

Mas, na hipótese, aliás muito improvável, de que se trate dum lapso de memória ou da preocupação de arredondar a frase com prejuizo inadvertido da verdade histórica, o pormenor afigura-se-me tão insignificante que não vejo inconveniente nenhum em suprimir de futuro, pura e simplesmente, da referida descrição o impertinente qualificativo de ouro.

V. M.

AS CURAS DE FÁTIMA

Queda dum 5.º andar.

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal *Voz de Fátima*

Para conhecimento dos fiéis e dos descrentes, sobretudo para estes, se apresenta hoje mais um grande milagre ocorrido em Lisboa, sob a invocação de N. S.ª do Rosário de Fátima.

Foi o caso que vai descrito em linhas singelas e despretenciosas e que passamos a narrar.

No dia 8 de Junho de 1929 encontrando-se uma inocente de 13 meses, de nome

Maria Pomba Teixeira, na varanda do quinto andar do prédio sito na Rua Barão de Sabrosa, N.º 192, Lisboa, precipitou-se, inexplicavelmente, dessa altura, no solo, ante o horror e angústia dos que tiveram a desdita de presenciar tal scena, no número dos quais se encontravam fervorosos devotos de N. S.ª do Rosário de Fátima, cuja protecção em favor da inocente foi imediatamente invocada.

Fácil seria supor a morte imediata ou muito próxima de tão tenro ser, simplesmente as pessoas de fé asseguraram logo que a criancinha não morreria.

Entrando o inocente no Hospital de S. José em estado considerado bastante grave, como não poderia deixar de ser, com espanto de todos, no curto espaço de 5 dias, a hospitalizada, isto é no dia de N.ª S.ª do Rosário de Fátima, safa do referido hospital para o de D. Estefania quasi livre de perigo.

Neste último hospital conservou-se apenas 10 dias, voltando para junto de seus pais completamente curada e sem o menor defeito fisico.

Passados poucos dias foi Maria Pomba Teixeira consagrada a N.ª S.ª do Rosário de Fátima na igreja de S. Jorge de Arroios de Lisboa, ficando desde essa data muito mais alegre e desenvolvida do que o era antes do desastre.



Menina Maria dos Prazeres Pomba Teixeira

ATESTADO

Manuel de Vasconcelos, Cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa.

Atesto que no dia 8 de junho de 1929, pelas 16 horas, entrou no Banco do Hospital de S. José Maria dos Prazeres Pomba Teixeira, de 13 meses de idade, residente na R. Barão do Sabrosa, n.º 192-2.º D.to, que momentos antes caiu de lugar elevado (de um 5.º andar no dizer da família).

No momento em que entrou vinha em coma, com uma hematoma na região parietal direita, integridade dos ossos dos membros e da coluna vertebral. Foi melhorando gradualmente o seu traumatismo craneano e teve alta no dia 23 de junho de 1929, curada. E por ser verdade e me ser pedido, passo o presente que assigno, sob minha responsabilidade profissional.

13 de junho de 1929

(a) Manuel de Vasconcelos.

Infecção puerperal.

Armandina Ortiz de Vilhegas de Lucena e Vale e Alexandre de Lucena e Vale (Notário e advogado em Vizeu), em carta de 13 de janeiro informam:

Ex.^{mo} Sr. Director da *Voz de Fátima* da nossa maior consideração:

«Em cumprimento duma deliberação tomada e como testemunho de reconhecimento a N. Senhora, pedimos a V. Ex.^{cia} publique no seu jornalzinho o seguinte:

A primeira signatária foi nos princípios de outubro acometida duma infecção puerperal que apesar da continuidade de assistência médica e do tratamento respectivo o mais intenso e diligente, se manteve com alternativas de temperatura de 37 a 38,8 até fins de outubro, ou primeiros dias de novembro. Nesta data depois de uns dois ou três dias de temperatura baixa, a infecção alastra de repente para os órgãos vizinhos ou adjacentes com temperatura de 39 1/2. Debilitada pelo parto recente, pelo regimen de alimento liquido e pelo natural exgotamento fisico que ocasionam sempre as temperaturas elevadas, a doente chegou a uma tal fraqueza que só o tra-

tamento intenso de injeções de soro fisiológico e óleo canforado, e outras substâncias injectáveis, a iam ajudando a resistir.

Como, porém, a infecção não passava nem a temperatura, por isso mesmo não descia dos 39 1/2, foi o seu estado julgado gravíssimo.

E' nesta altura que numa sexta feira, depois de comungar, como fazia todas as semanas neste dia, a doente tomou algumas colherzinhas de água de Fátima, orando os signatários para que N. Senhora a salvasse, intercedendo por ela.

Como passado talvez uma hora a febre decaísse para 38,5 e desde então até o dia seguinte sucessivamente decresceu até fixar-se em 37 no dia imediato — logo a doente e seu marido atribuíram o facto a uma graça de N. Senhora, resolvendo, desde então, entre os seus agradecimentos e louvores de graças, incluir este — o da publicação do facto no Jornal de Fátima.

E' o que hoje — embora tardiamente — cumprem, pedindo desculpa a V. Ex.^{cia} e apresentando-lhe as suas melhores homenagens.

Uma ascite.

Luísa da Graça, Francisca da Graça e Maria José da Graça (três irmãs), de Cortelo — Várzea de Santarém, dizem que tendo esta última, que é casada, em sua casa uma rapariga que tem criado, de nome Maria da Conceição, de 17 anos de idade, esta adoeceu no mês de Agosto do ano passado. Consultando-se o médico este declarou tratar-se de uma ascite e que no estado adiantado em que já se encontrava, pois que havia já muito tempo que se desconfiava dela, mas como só se queixava de fraqueza, o que se lhe administrava eram alimentos de sustância e alguns remédios com o mesmo fim, o que era contrário a esta doença. Na opinião dele levava mais de um ano a tratar e que para isso ainda era preciso que houvesse muita cautela e que a dieta fosse muito rigorosa, o que, está de crer, ia acarretar muitos cuidados e muita despesa, o que com dificuldade se poderia sustentar.

Em vista de tudo isto e no meio da sua apoquentação, lembraram-se de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e cheias de fé verdadeira e esperanças de que Nossa Senhora as ouviria, porque são muito suas devotas, imploraram a sua maternal protecção, fazendo-lhe várias promessas e entre elas a de publicar na *Voz da Fátima* tão grande graça obtida, se a Virgem Santíssima a melhorasse. Assim foi.

A Santíssima Virgem, Mãe de Deus e Mãe nossa, Rainha do céu e da terra, Saída dos enfermos e Consoladora dos aflitos, lançou sobre ela o manto da sua protecção e passados dois meses, isto é, em outubro, nas vésperas de irmos para a Fátima, com grande admiração do médico, achava-se curada, acabando ele por lhe dizer: *aviveste uma boa madrinha.*

Hoje continua de boa saúde graças ao Divino poder da Santíssima Virgem Maria e seu Divino filho N. S. Jesus Cristo. Por isso, para cumprimento das suas promessas, pedem muito respeitosamente a V. Rev.^{cia} o favor de se dignar publicar tão grande graça na *Voz da Fátima* para glória de Deus e de Sua Mãe Santíssima, o que muito agradecemos.

Seja bem dita, mil vezes bem dita a Santíssima Virgem, Rainha do Céu e da terra que tão piedosamente acode aos aflitos e perdoa aos pecadores, que tão mal pagam a sua grande protecção junto de Deus.



Confraria de Nossa Senhora de Fátima

Diz Nosso Senhor, nas Santas Escrituras, que, quasi sempre, as grandes obras começam muito obscuramente, à semelhança das grandes árvores que, em grande parte, nascem também de sementes muito pequenas.

Esta Confraria de tão alto e nobre alcance espiritual (e é isto que a torna grande espiritualmente) com tão pouco tempo de existência, apenas 2 anos, lançou já raízes em todas as províncias de Portugal, e já no estrangeiro também! e, se não chegou já mais longe, foi porque ainda não teve quem espalhasse bastantemente a fama de seus benefícios.

Aos zelosos colectores e colectoras que, até aqui, se tem dedicado a esta obra de Nossa Senhora de Fátima, se presta aqui o devido reconhecimento e humano agradecimento, pois que o agradecimen-

to divino de Deus o não de receber por intermédio da Mãe do Céu.

A estes ainda e aos caros confrades se apresenta hoje um resumo da receita e despeza que está especificada no respectivo livro de contas.

Faz-se isto para que todos possam ver a applicação santa e proveitosa que tem as suas esmolas.

Desde o dia da fundação da Confraria até ao dia 31 de Dezembro de 1929, foi recebida a quantia de 6.445\$80. Desta quantia gastou-se em listas, patentes e outras coisas necessárias 1.104\$10. De maneira que havia em caixa um saldo de 5.341\$70.

Metade desta quantia foi enviada para o Santuário da Cova d'Iria para o culto de Nossa Senhora, como manda o artigo 4.º dos estatutos da Confraria. A outra metade foi gasta na celebração de missas, segundo os fins da Confraria, fins que veem explicados no artigo 2.º dos estatutos. Foram celebradas 8 missas na Cova d'Iria pelas almas de alguns confrades remidos, e foram celebradas pelo Rev.do Clero do Patriarcado de Lisboa 425 missas por todos os confrades que satisfizeram as suas mensalidades.

Como vemos, esta Confraria não tem em vista entesourar dinheiro, pois que no fim de cada ano dá contas de tudo quanto juntou e gastou e applica o lucro que possui em obras de muita glória para Deus e para a Virgem Mãe e de muita utilidade para as almas.

NOTA—Qualquer correspondência sobre a Confraria pode ser dirigida ao Sr. P.e António dos Reis — Seminário — Leiria.



“Voz da Fátima,”

Despesa

| | |
|--|-------------|
| Transporte | 190.867\$40 |
| Papel, composição e impressão do n.º 88 (54.000 exemplares) | 3.030\$00 |
| Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc. | 909\$00 |
| | <hr/> |
| | 194.806\$40 |

Subscrição

(Desde 13 de junho de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jorna pelo correio durante um ano: Maria Rosalina Rocha, Carlos João Viegas, António Inácio, Joaquim de Sant'Ana Carvalho (20\$00), Domingos Pereira de Araújo, António José de Sousa, Custódio Domingos Vaz, Joana do Rosário Silva Simões (20\$00), Manuel Felix Faustino Daniel (20\$00), António Fernandes, Francisco Gamêlo, Helena Ferreira (20\$00), António Calvo de Oliveira, José dos Santos Ribeiro, Maria dos Anjos Lopes, Alzira da Costa (15\$00), Sebastiana Victor Rodrigues, Manuel Simões Parcelas (11\$00), Rosa Ferreira, Amélia Gonçalves Vieira Ramada, Palmira de Azevedo Cordeiro, Guilhermina Mendonça, José Rijo Rosado Salgueiro, Manuel da Cunha, Maria de Pina Irasca, Ester dos Prazeres Oliveira, Filomena da Luz Alves Pinheiro, Isabel Maria Tavares, Maria Sebre Almeida, Cipriano da Costa Freitas, Ana Teresa Silva, Beatriz Santos Silva, Julio do Amaral Neto, Margarida dos Santos Ferreira (20\$00), Camila Rodrigues Gomes, Maria do Carmo Tavares, Virgínia Borges de Carvalho, Juliana Guedes Cardoso, Beatriz Rodrigues da Silva, P.e Augusto José Vieira, Maria Lopes de Miranda, Elvira da Silva, Felisberto Rodrigues de Paiva, Maria Julia Figueiredo da Silva, Maria Virgínia Figueiredo da Silva, Julia de Almada Pinto Correia, Maria dos Dores, Candida Sanches, Emilia Gomes Polónia, Idalina Dias Ferreira, Maria da Purificação Godinho, Leonor Rosa Viterbo, Bernardina da Silva Gonçalo (20\$00), Bernardina de Andrade Jacinta da Torre (20\$00), Aida Figueiredo (15\$00), Henriqueta Augusta Besaloco, Maria dos Santos Esteves, Miquelina da Luz Azevedo, Abel Esteves, Jaime Queijo, Maria Teresa Morais, P.e João António Ribeiro (20\$00), Avelino Augusto de Araújo Dantas, Inês Guimarães da Fonseca, José de Paiva Manso Sarrea de Carvalho, Maria Guilhota Sa-

raiva, Laurinda Beirão Barroso, Augusta Martinha Rodrigues, Maria da Ascensão Carvalho e Boidobra, Emília Caldeira de Bourbon Vaz Preto Geraldês, Francisco António Louzada, Maria do Carmo Corte Real Abreu de Lima (20\$00), Ana Quevedo Sanchez de Camacho, Ester Paulo Santos, Maria Augusta Oliveira Pato, José Baptista de Andrade, Helena Maria de Melo Manuel, Maria Olívia Santo António Neto, Laura de Andrade, Alberto Macedo, P.e António Paulo Ferreira Monteiro, Julia da Conceição Dias de Macedo, Joaquim Cardoso Pinto da Cunha, Maria da Conceição Borges, Joaquim Carvalho, uma assinante da Madeira, Rosa Marques da Silva Ribeiro, Maria Amélia Rodrigues, Joaquina Mendes Marques (30\$00), Ana Aranda, Reitor de Veiros, António Henriques António (15\$00), Carlos Gil, Rosa Mendes Ferreira, Noémia de Jesus Pedroso, Maria da Conceição Rino Jordão, Arminda Teixeira (12\$00), Condessa de Azambuja, Leonor Manuel, Director da Casa de Saúde de S. Miguel, Maria Marcelina dos Remédios, José J. dos Remédios, Maria do Rosário Pires Vicente, Adelaide Guimarães, Maria Fuertes Gomes, Maria Julia Nunes, Maria Elisa Brandão, Ludovina Carreira, Dr. Gabriel Ribeiro, Etelevina de Jesus Cascalho, Adília Mendes de Vasconcelos (20\$00), Ana Diegues, Natércia Ribeiro da Silva, Guilhermina dos Anjos Castanheira.

De donativos vários e jornais avulsos: Maria M. dos Remédios, 80\$86; Josefa de Jesus, 35\$00; Igreja da Madalena, 20\$00; Manuel Rodrigues Piedade e mais oito pessoas de Guayçara (Brasil), 240\$00; Maria José Cordeiro, 51\$00; Directora do Colégio de Santa Ana (Barcelos), 50\$00; Adelaide Marques de Sousa, 50\$55; Ana da Conceição Neves, 55\$00; Ivo Gonçalves Costa, 45\$00; P.e Manuel Valente Pombo (50\$00), Brites Teles de Castro, 50\$00; P.e Manuel Marinho, 100\$00; P.e Joaquim Lopes Seixal, 85\$00; Elmina da Cruz Côrte, 150\$00; Maria do Carmo Pires, 11\$00; Joaquim da Silva Carvalho, 106\$00; Marquês de Rio Maior, 100\$00; Hotel de N. Senhora do Rosário de Fátima, 100\$00; Dr. Luciano de Almeida Monteiro, 210\$00; P.e Manuel Sabino Marques, 70\$00; Alípio Vicente, 25\$70; José Augusto Alves, 120\$00; P.e Manuel Ramos da Costa, 25\$00; Miquelina Costa Abegão, 30\$00; P.e D. C. R., 50\$00; da igreja do S. C. de Jesus, em Lisboa, por Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Novembro de 1929, 36\$60; da igreja de S. Tiago de Cezimbra, por Gertrudes do Carmo Pinto, no mês de Dezembro de 1929 e Janeiro de 1930, 63\$50.

Para não encher o jornalzinho só de nomes tirando o lugar à leitura mais útil, vai a publicação dos subscriptores atrazada mais de ano e meio.

Reconhecendo-se a impossibilidade de a pôr em dia, resolvemos cessar esta publicação, reservando-a apenas a algum donativo extraordinário. Em troca, procuraremos acusar em postal, a recepção de todos os donativos que nos forem enviados.

IMPORTANTE

Objectos perdidos na Fátima

Encontram-se na FÁTIMA, na barraca dos jornais, muitos objectos achados e entregues alguns já ha anos.

Alguns estão já estragados; outros vão-se estragando com o pó, humidade, etc.

Para que não acabem de se estragar ali inutilmente os que não forem procurados até ao dia 13 (treze) de Abril serão considerados como abandonados e apoz esse dia distribuidos pelos pobres.

Corações de noivas...

Naquele dia notava-se em casa de Maria Marques um movimento extraordinário, desusado. Os pais, os irmãos e irmãs entravam e saíam apressurados.

Ela via-se passar ligeira do quarto para a sala e logo, pela porta aberta de par em par, voltar de novo ao quarto donde acabára de sair.

Umás a ajuda-la, outras paradas a conversar, estavam por ali também as melhores raparigas da Ribeira — que todas elas eram amigas da Maria Marques.

A casa tóda branquinha e quasi coberta, pela frente, de roseiras de trepar, com seu jardim um pouco ao lado e mais adiante umas poucas de laranjeiras e carvalhos era uma das casas mais conhecidas do lugar, pela importância da familia.

Era ali que vinha portar o capelão quando, em dias de maior invernia, receiava os caminhos por alta madrugada e resolvia vir de véspera.

Era ali que os vizinhos precisados recorriam, certos de encontrar no rosto sempre alegre da Senhora Emília — a Mãe da Maria — um olhar meigo de compaixão e, nas mãos meio encobertas até mesmo aos olhos dos filhos, a esmola cristã que acrescenta o que fica.

Era ali que aos Domingos ao soalheiro se juntava em alegre e sã chilreada a mocidade do lugar a misturar as suas vozes com o trinar dos passaritos no carvalho visinho e a perfumar e encher de alegria todos os cantos daquela casa bem dita.

Tudo ali respirava paz e ordem e harmonia.

A Ribeira é um lugar lindo. As casas, semeiadas por aqui e por ali, fazem lembrar um bando de pombas brancas perdidas sobre a relva.

Mas, não sei porquê, parece que as rosas das outras casas não tem tanto perfume, que o jardim é mais despido de flores, a parede menos branqueada.

A quem passa na estrada ficam-lhe, sem querer, os olhos nela.

«Que linda casa!»

E contudo, se o quizesse, não seria capaz de dizer qual a razão desse encanto.

Naquele dia então não passava ninguém que não parasse a olhar aquele quadro de tanta vida, tanto movimento, tanta variedade.

Alguma boda talvez...

Mas certa sombra a empanar o rosto de todos menos o dela; certas lágrimas a deslizar silenciosas e ocultas — envergonhadas — pela face de algumas amigas aquela alegria no rosto dela não o deixaram supor.

Baixa mas bem proporcionada, de rosto redondo e cheio sem deformidade, com umas rosetas perenes sem carmin e, logo por cima uns olhos fundos mas brilhantes com um fulgor sereno, os lábios sempre prontos a entreabrirem-se num sorriso franco ou a escancararem-se numa gargalhada galhofeira entre a gente da sua idade, a Maria era com a sua vida, a sua alegria, o garbo do seu porte, a rainha das raparigas da sua aldeia, a flor da mocidade da Ribeira.

Não admira pois que cada uma lhe procurasse a intimidade e muito menos ainda que os melhores rapazes dos arredores se preparassem para serenamente disputar a posse daquelles vinte anos em flor.

Era natural. Tóda a gente achava bem. Estava na idade... era uma questão de escolha... E a escolha começava...

Primeiro um ou outro cruzar de olhares, depois uma palavra a escapar e Maria acabava por passar algum tempo à tarde a «conversar um dia ou outro com um rapaz que a pretendia.»

Havia contudo alguém que não via isto com bons olhos.

«Era muito nova... e... não via nela ainda aquela madureza própria duma dona de casa.

Francamente parecia-lhe cedo de mais.»

E a mãe não se importava de, mesmo por fóra, lembrar certos defeitos já conhecidos.

«Que por vezes respondia à mãe e não obedecia com a prontidão devida; que não tinha cuidado no serviço etc.»

Mas no fundo havia uma razão mais séria e mais forte no ânimo da Senhora Emília. A Maria não era tão piedosa como ela desejava.

A comunhão mensal era para ela quasi um peso. Frequência de sacramento, piedade, devoção, eram coisas para que, com franqueza, se não sentia chamada.

E a mãe tinha medo de ver ir assim a sua filha.

«Não sei o que lhe hei-de fazer» queixava-se ela ás vezes.

Não sei a quem ela sá.

Julga que alguma vez aquela bem dita alma pede para se confessar?

—P...

—Nunca. E eu desgosto-me com isto. Queria vê-la mais recolhida, mais piedosa... Depois... não me importava que ela casasse...

* * *

Havia uma coisa que a horrorisava. A ideia de vir a ser freira.

Quê? Ver a sua juventude radiante metida entre as quatro paredes dum convento?

Não. Nosso Senhor não a queria para isso.

Ela positivamente não queria. Credo! Nem imaginar tal coisa. Podia lá ser!

Concordavam assim ás mil maravilhas a suposta vontade de Deus e a sua muito sentida e muito arraigada maneira de pensar.

Mas não fôsse ás vezes dar-se o caso de virem a discordar, a Maria ia-o lembrando a Nosso Senhor.

Ela era boa, profundamente boa e sã embora com alguns defeitos, como toda a gente tem.

Fazia pois diariamente, a sua oração. E á Missa, na capela, rezava também.

Se havia oração em público, da família da Maria não faltava um membro sequer.

Havia quem se queixasse de que á hora da Missa lhe tinham roubado isto ou aquilo.

«A mim, respondia o Snr. Marques nunca ninguém me roubou nada a essa hora. Nem estou mais descansado do que quando vou para a missa com a família toda. Deixo a Deus por guarda!...»

Fosse quando fosse de manhã ou á noite, em casa ou na capela, só ou com outras pessoas nunca se esquecia de baixinho dizer ao Senhor muito sincera muito sentidamente:

«Ó Jesus fazei de mim o que quizerdes!»

Mas logo acrescentava com mais sinceridade e calor.

«Tudo... tudo menos freira...»

* * *

E num solilóquio encantador de ingenuidade ficava-se a repensar naquelas palavras:

«Sim, sim... tudo... tudo... menos freira!...»

«Oh Senhor eu ouvi falar de vocação, de chamamento...»

«Gostava também que me mostrasse o que desejais de mim.»

«Estou pronta para tudo... Menos para freira. Ah! para isso não oh Jesus!»

E Nosso Senhor que opera nas almas duma maneira maravilhosa pela Sua graça, deixava aquele coração expandir-se francamente num tu-a-tu admirável e ia-o insensivelmente levando pelos adoráveis caminhos do seu Amor.

Ainda nos queixamos ás vezes de que Deus nos não ouve. Fosse lá fazer-nos sempre o que lhe pedimos...

Iamos parar perto...

* * *

Rápida como uma notícia fúnebre em menos de oito dias tinha corrido os lugares em volta e até as frêguesias vizinhas a afirmação de que a filha mais velha do Snr. Marques fôra para o convento.

«Que ele em pessoa a acompanhara lá naquele dia de movimento que se notara em sua casa.»

Era mais uma que lhes fugia e por isso os rapazes sentiam tanto como as amigas o vácuo produzido pela saída inesperada da Maria Marques.

Os rapazes com alegre esperança profetizavam porém uma breve ausência.

Das raparigas as que viam nela um obstáculo á realização dos seus sonhos pediam a Deus que a conservasse por lá e alegravam-se até na esperança dum triunfo certo. As mulheres graves das cercanias mal souberam do caso, enquanto os quartéis se coziavam, juntavam-se para comentar o caso em ar de enlevada admiração:

— «Ah comadre «antão» e esta?

«Nã sabes?

— O quê?

— A Marquitas do Snr. Marques, «pr'ou» convento!...

— Que dizes tu mulher?

— É o que te digo... Foi-se «trentante» com o pai.

— Mal empregada... Era uma rapariginha tão galhardinha... Ao pé dela não havia tristezas.

— E o pobre rapaz coitadinho?!...

— «Antão» ela falava com algum?

— Tinha-se deixado aqui ha tempos mas êle fazia tenção de voltar.

— Quem era êle?

— Olha!... «Antão» tu não sabes? Era o Zézito da Venda.

— Não lhe faltam raparigas: é o que por aí ha mais.

— Eu se fôsse ao pai não a tinha deixado ir. «Nã...»

A gente creá-los e depois vê-los ir assim...

— Ele é verdade comadre mas... olha cá... e se eles morressem?!

— Tens razão... tens razão... Deus Nosso Senhor lá sabe... Mas sempre te digo que tenho pena do «dianas» da rapariga.

E, ora num ora noutro sentido, choviam os comentários sôbre a ida da Marquitas que era, como costuma dizer-se em giria jornalística, — o caso do dia.

* * *

Como tinha sido possível uma tal mudança?

Aquela rapariga tão viva que nunca pensava em tal...

Quem o diria?

Mas era um facto.

Da casa para onde fôra, a Maria escreve ás amigas cartas lindas que, deixam ver bem de quanta felicidade está cheio o coração.

Pouco a pouco sem se saber como a Maria sofrera uma grande transformação de que ela, ao menos na aparência, não era a autora.

Tornara-se carinhosa e obediente para com a mãe. O trabalho que a ocupava sem descanso amenizava-o ela com um cantar cristalino cheio de expressão e sentimento.

E, coisa curiosa, os cânticos religiosos que um dos irmãos, seminarista, ensinara ao grupo de cantoras do lugar tinham agora na boca dela alguma coisa de novo. Não se passava um domingo sem comungar e de semana sempre que podia não faltava.

Como ela comungava!

A comunhão transformara-a. O recolhimento, o fervor a piedade que mesmo esternamente transparecia, o olhar o geito do rosto todo o porte faziam-na supor mais um anjo do que aquela Maria que alguns meses antes tão bem conheciamos.

A Eucaristia começava a operar visivelmente.

A mãe contente explicava o caso pela ideia de pensar talvez em casar dentro em breve.

Mas inesperadamente corta o namoro e, no meio de grande espanto, diz um dia á Mãe que a não acredita.

— «O' minha mãe eu gostava de ser freira...»

— Tu?

E neste tu? ia toda uma censura pungente e a negação de que tal coisa fôsse possível.

E riu-se descrente do que acabava de ouvir.

Mas aquilo era a sério... De ha algum tempo já que ruminava no assunto.

Um dia encontrando-se em adoração deante do S.S.^{mo} Sacramento Exposto ouviu a voz do Esposo a convidar-la para as Suas Núpcias Eternas. E o convite era tão certo, tão instantâneo que logo ali se firmou numa entrega completa a Jesus.

Ao mesmo tempo que um encanto novo com novos ideais bem mais subidos lhe aludavam o rosto de mais suaves fulgores ia-se-lhe o espírito num doce enlevo despegando-a de quanto até ali a prendera.

Sentia-se levar para longe muito longe para junto do Seu Jesus a Quem queria entregar-se para sempre.

E lá foi naquele dia acompanhada da afeição duma dúzia de almas que, talvez não soubessem avaliar bem o sacrificio heroico daquela rapariga e muito menos o tesouro escondido a cuja conquista se ia lançar.

* * *

A quantas almas de jovens de um e outro sexo não lança o Senhor por vezes a sua palavra Divina de convite: «Vem e segue-me!...»

Quantos que no meio do fracasso da vida mundana não ouvem ou procuram abafar esse convite adorável!

Quem sabe se lá no fundo da vossa alma esquecido, abandonado não jaz algum

desses convites? O Senhor fala e leva as almas duma maneira misteriosa.

Porque não heis-de recolher-vos de tempos a tempos para escutardes a palavra do Senhor? Quem sabe se Ele vos chama também a vós?

Em todo o caso conservai-vos prontos a acorrer alegres ao chamamento do Divino Mestre, puros, imaculados, como em carta ás suas amigas feridas pela graça e ansiosas por partir, ainda ha pouco recomendava a Maria:

Minhas amigas

«Conservem puros, imaculados para o Divino Esposo das nossas almas esses vossos «Corações de Noivas»

Leiria, Janeiro de 1930

G. de Oliveira

—*—*—*

Exercícios espirituais na Fátima

Realiza-se este ano, na Fátima, um turno de exercícios espirituais reservados aos «Servos de Nossa Senhora». Começam no Sábado, 1 de Março, á noite e terminam na quarta feira de Cinzas, de manhã.

Os servitas que desejarem tomar parte neles devem fazer a sua inscrição o mais depressa possível enviando o seu nome ao Rev.^{mo} Snr. Dr. Manuel Marques dos Santos—Seminário de Leiria, a quem podem ser pedidas também quaisquer explicações.

—*—*—*

Uma actriz... espiritista

A' célebre actriz Eva Lavallière, falecida em 10 de julho de 1929, fez-se ouvir em maio de 1917, repentina e irresistivelmente, luminosa e profunda, a palavra de Deus, que se serviu para isto dos lábios de um sacerdote, pároco da aldeia de Chanceaux, na Touraine (França).

Eva andava metida no espiritismo, e esta circunstância levou o pároco a dizer-lhe sem rodeios: «A senhora acredita no diabo visto afirmar ter-se comunicado com êle. Cuidado, pois, porque bem pode ser que venha um dia a estar em contacto com êle!»

Ditas estas palavras o sacerdote safu. Muito abalada e profundamente impressionada com este tiro á queima roupa, subitamente iluminada, a artista diz á sua fiel companheira Leona:

«Se o diabo existe, Deus existe igualmente. Neste caso, que ando eu a fazer? que vida é a minha?»

Pela primeira vez, Deus se revelava ao seu espírito e ao seu coração. Mais tarde pôde dizer a Robert de Fiers:

«Fui levada aos braços de Deus, pelo próprio demónio (je suis verme a Dieu par le diable).»

Verdades...

Se uma jovem para comungar tomar o café um pouco mais tarde, clamam que prejudica a saúde. Se, porém, ela fôr aos bailes e dançar horas consecutivas sem descansar, não há que temer.

Se para ir á igreja se levantar um pouco cedo, critica-se a sua imprudência e o pouco cuidado que tem da sua saúde. Se, porém, passar a noite inteira, ou quasi inteira, nos «sarau» sem dormir, não há que admirar.

Ah, que bem se mostra nestes factos e noutros análogos, o desprezo que se nutre pela alma e pelas coisas religiosas!

UM FEIXE DE IMPRESSÕES...

A FÁTIMA NO MUNDO

Duma carta do Brasil, mostrando o interesse que por lá vai:

«Tenho seguido sempre com sumo interesse e santo entusiasmo as maravilhas que a Virgem Santíssima em Fátima tem operado em beneficio de seus queridíssimos filhos portugueses; e desejo ardentemente que nós também os brasileiros

comparticipemos desses benefícios *quod fieri poterit.*

Desejo, pois, fundar em nossa capela um centozinho de propaganda da Voz da Fátima.

* * *

Agora é um gesto gentil dum advogado formado ha pouco e cuja direcção por inadvertência nos não foi enviada.

Há nele um perfume cristão que encanta.

Da carta em que vinham vinte e cinco mil réis para o Santuário de Nossa Senhora:

* * *

«Em Junho do ano que findou fiz a seguinte promessa a Nossa Senhora de Fátima: «O primeiro dinheiro, fôsse muito ou pouco, que eu ganhasse com a minha formatura em Direito, seria para Ela»

Como cumprimento dessa promessa tomo a liberdade de enviar a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} e já um pouco tardiamente, o primeiro dinheiro, que como advogado ganhei.

E' uma pequena soma a que envio mas com a maior alegria o faço e que Nossa Senhora de Fátima me proteja sempre na carreira que escolhi.

* * *

Do fim duma carta duma religiosa missionária portuguesa, donde se vê que os portugueses de Africa não são menos devotos de Nossa Senhora da Fátima do que os do continente:

«Muito agradecemos os jornais da «Voz da Fátima». E' uma consolação e uma alegria quando chegam; mas esta vez chegou um vapor e não trouxe nada, sobretudo os jornais que esperava, pois já há muito tempo que não passam vapores.

... ..

Não posso terminar sem vos dizer com muita alegria que todos os meses no dia 13 fazemos aqui na nossa Capelinha, a festa de N. Senhora da Fátima; todas as meninas cantam com muito fervor e entusiasmo durante a S.ta Missa, os versos de N. Senhora da Fátima; e para êsse dia colhem-se as flores mais belas para ornar a nossa Boa Mãezinha e também com muitas luzes; parece que estamos lá nesse santuário bendito onde a Mãe do Céu sorri a tantas e tantas mil almas que veem a seus pés implorar e pedir as suas graças!... eu passo êsse dia unida de espírito e coração tanto quanto me é possível nesse cantinho do Céu, onde me foi concedido ir 2 vezes, graças ao Bom Jesus!

Oh nunca os esquecerei êsses felizes momentos que aí passei! sobretudo quando fui a primeira vez que fui de véspera e passei toda a santa noite em adoração ao Santíssimo Sacramento.

* * *

Da ilha de Santa Maria (Açores) a propósito da erecção duma ermida em honra de N. Senhora da Fátima que desde o principio ali conta muitos e muito fervorosos devotos:

Julho de 1928

Teve lugar a bênção da nova ermida a 17 de Maio, dia da gloriosa Ascensão do Senhor, não podendo ser a 13 por causa do mau tempo.

A concorrência de fiéis foi notável, cerca de 3.000 pessoas, ou seja metade da população de toda a ilha. Desde então, esta ermida tem sido muito frequentada, celebrando-se ali, nos dias 13 de cada mês a Santa Missa a que assistem e comungam muitos fiéis.

Depois da Capela comemorativa das aparições, na Cova da Iria, é esta sem dúvida a primeira que se ergue em Portugal a N. Senhora do Rosário de Fátima, sendo ainda digno de registar-se que a esta ilha cabe também a honra de ter sido a primeira que nos Açores consagrou um pequeno templo a N. Senhora de Lourdes, havendo além disso duas ermidas comemorando as aparições de Monserrate e Pilar.

Como a ermida fica situada num lugar elevado, tenho projectada uma escadaria composta de 150 degraus divididos de 10 em 10 por um patamar, ficando assim representado o Rosário.

Estou a ver se consigo também organizar uma peregrinação mariense que vá á Cova da Iria render as suas homenagens á Virgem Santíssima.